# "INTERFERIR SEM FERIR" / ESSA ERA UMA DAS MÁXIMAS DE JANETE COSTA, A VISIONÁRIA QUE VALORIZOU NOSSA CULTURA POPULAR E INFLUENCIA ATÉ HOJE O DESIGN BRASILEIRO

POR ADÉLIA BORGES

FOTO LUCIA LEAL / CPDOC JB

"O POUCO QUE CONVIVI COM ELA FOI MUITO MARCANTE. ELA SEMPRE FOI UMA REFERÊNCIA. HOJE, AS PESSOAS NÃO CONHECEM A JANETE. E PRECISAM CONHECER. ELA FOI A MULHER QUE EDUCOU SEUS CLIENTES RICOS A GOSTAR, ADMIRAR E COLECIONAR A ARTE POPULAR BRASILEIRA. ASSIM, VIROU A PRIMEIRA GRANDE MESTRE EM TRAZER O POPULAR NA DECORAÇÃO. UM TIPO DE PENSAMENTO QUE TEM ABSOLUTAMENTE TUDO A VER COM O QUE FAÇO."
MARCELO ROSENBAUM

Para Janete Costa, ter nascido brasileira não foi mero acidente geográfico. O local de nascimento – Garanhuns, no interior de Pernambuco, em 1932 – foi balizador para o norte de sua atuação. Numa carreira marcada por contribuições significativas nos campos da arquitetura, design de interiores, design de produtos e curadoria de exposições, ela se empenhou para mostrar que a arte, o design e a arquitetura no Brasil precisam refletir as identidades culturais locais. Janete teve também ação decisiva ao valorizar não só a arte popular e o artesanato nacional, mas também os artistas e artesãos, procurando sempre contemplar a questão da inclusão social e da geração de renda por meio de seus projetos. Reflexo de que, em sua trajetória, atividade profissional e vida pessoal sempre andaram junto com o exercício da cidadania.

Formada em Arquitetura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, Janete teve uma prolífica atuação nessa área. Foram mais de 3.000 projetos desde a sua graduação, em 1961, até seu falecimento, em 2008. Projetou bibliotecas, cinemas, auditórios, edifícios públicos, escritórios, galerias, prédios comerciais e residenciais, lojas, museus, restaurantes, teatros, palácios de governo, clubes... Nos últimos anos de vida, fez dezenas de hotéis, cujos projetos preenchem todos os requisitos técnicos da hotelaria internacional, mas ultrapassam as receitas rígidas da hotelaria suíça e americana, resultando em espaços com personalidade e expressão cultural.

Seu trabalho em design de produtos foi consequência dos anos que atuou na decoração de interiores. Em sua obsessão pelo detalhe, se não encontrava no mercado o que imaginava para um ambiente, ela própria desenhava os elementos que iriam compô-lo – da cadeira à luminária, da colcha ao castiçal, lidando com facilidade com materiais como granito, mármore, vime, vidro, madeira, metal etc. A execução desses projetos era confiada, sempre que possível, a comunidades e cooperativas de trabalhadores.

Acima de todas essas qualificações profissionais, Janete pode ser considerada uma grande educadora. Clientes, estagiários, amigos e parceiros de trabalho são unânimes em afirmar que aprenderam a discernir e a conhecer arte e design por meio da convivência com Janete. Ela como que tomava as mãos de seu interlocutor para compartilhar com ele o seu olhar, marcado pelo entusiasmo e pela generosidade. Vários arquitetos e decoradores, sobretudo do Nordeste, dizem pertencer à "escola Janete", aquela em que a cultura erudita e popular eram absorvidas em pé de igualdade. Com os clientes, nunca exerceu uma ditadura do gosto, antes, os levava a uma valorização de suas próprias histórias, somadas às vivências que ela proporcionava.

Sobre o gosto, aliás, tinha uma expressão perspicaz: "Mau gosto é o gosto dos outros", dizia, denunciando com graça a postura impermeável ao diálogo daqueles que se acham donos da verdade e árbitros do que é bom. Outra expressão sua, de rara síntese, foi aquela em que proclamava "interferir sem ferir", como postura a ser adotada pelos designers que desenvolvem projetos de revitalização do artesanato. Em outras palavras, ela defendia o respeito ao conhecimento do artesão, uma prática que nem sempre ocorre.

Era no relacionamento direto com os criadores populares que ela se sentia melhor. Já passada dos 70 anos de idade, sempre muito ativa e inquieta, brincava: "Quando eu crescer, quero me dedicar só aos projetos nas comunidades de artistas e artesãos." Além de valorizar as produções deles em seus projetos de interiores, pagando sem regatear o que pediam, Janete levou a criação popular a espaços de prestígio, onde podia ser devidamente reconhecida e valorizada.

Janete Costa fez curadoria de dezenas de exposições, entre elas *Artesanato como um caminho*, na Fiesp, 1985; *Bienal de Artesanato*, no Centro de Convenções, Recife, 1986; *Viva o povo brasileiro*, no Museu de Arte Moderna-MAM, Rio de Janeiro, 1992; *Arte Popular Brasileira*, no Riocult, Rio de Janeiro, 1995; *Arte Popular Brasileira*, no Carreau du Temple, Paris, 2005 (Ano do Brasil na França, a convite governo brasileiro); *Somos-criação popular brasileira*, no Santander Cultural, Porto Alegre, 2006, e *Do Tamanho do Brasil*, no Sesc Avenida Paulista, São Paulo, 2007.

Outra faceta sua foi a de colecionadora de arte, retratada na ampla exposição *Uma Vida – Janete Costa e Acácio Gil Borsoi*, no Museu do Estado de Pernambuco, no Recife, em 2007. A mostra apresentou uma seleção de obras acumuladas por ela e por Borsoi, seu companheiro de vida, também arquiteto.

Ao lado de todas essas realizações públicas, que não são poucas nem menores, outra dimensão surge com força quando nos recordamos de Janete Costa. Ela derramava afeto às pessoas ao seu redor, sem distinções de classe social, cor da pele ou qualquer outra circunstância. As pessoas se transformavam, para melhor, a partir de um encontro, mesmo fortuito, com Janete.

Poderão alegar que minha amostragem é limitada, mas não. Nos cerca de 20 anos em que convivi com ela, conheci muita gente por seu intermédio. Janete era gregária. Tinha verdadeiro prazer em se cercar de gente. Os amigos dos amigos instantaneamente se transformavam em amigos também. Nessa condição, merecedores de compartilhar o pão, o vinho e a conversa solta de quem não guardava segredos, mas trocava conhecimento e vida nos lautos jantares que preparava pessoalmente em suas casas – fosse a do centro histórico de Olinda, a da praia de São Conrado, no Rio de Janeiro, ou o apartamento nos Jardins, em São Paulo.

Se estivesse viva, em 2012 Janete Costa completaria 80 anos de idade. A data foi lembrada em julho em uma homenagem na feira de artesanato Fenearte, no Recife, com a reedição da exposição *Espaço Interferências*, que ela idealizou há 10 anos. Em novembro, será inaugurado em Niterói o Museu de Arte Popular Janete Costa. Outra homenagem, esperada para o próximo ano, é a inauguração de um museu de arte popular em Olinda, com parte do acervo provavelmente derivada de sua coleção.

A brasileira e pernambucana Janete Costa foi visionária. E se hoje a arte e o artesanato de nosso país merece mais respeito, sem dúvida, parte dessa mudança se deve à sua apaixonada atuação.